



## O racismo no futebol carioca na década de 1920 e a Invenção das Tradições<sup>1</sup>

Ronaldo HELAL<sup>2</sup>

João Paulo Vieira TEIXEIRA<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Este artigo pretende discutir como o conceito de “tradições inventadas” cunhado pelo historiador Eric Hobsbawm pode se aplicar ao futebol brasileiro. Pretendemos mostrar como foi contada a inserção do negro no esporte mais popular do país e entender o porquê de algumas premissas terem sido criadas na primeira metade do século XX e se tornarem verdades recontadas por estudiosos e parte da imprensa passando a fazer parte do senso comum.

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol, cultura, racismo, Vasco da Gama e Invenção das Tradições.

### 1. Introdução

Ao discorrer sobre o termo *tradição inventada*, o historiador Eric Hobsbawm recorre à pompa das cerimônias públicas da realeza britânica para ilustrar sua proposta. Segundo ele, nem todos os aparatos utilizados nesses eventos derivam de manifestações antigas. Muito do que é feito nesses momentos são, na verdade, manifestações recentes, criadas de forma involuntária ou não, mas que para o grande público se confundem com gestos seculares. Por este tipo de manifestação entende-se *tradição inventada* (HOBSBAWN, 1997: p. 9).

Para enriquecer seu exemplo, o autor ressalta como as partidas do campeonato britânico de futebol também são cercadas de um aparato que, em muitos aspectos, não passam de tradições criadas por seus organizadores, algumas delas sem o menor sentido prático. Este artigo pretende investigar a criação e a propagação de uma *tradição inventada* do futebol brasileiro. No entanto, não pretendemos pensar como ocorre a cerimônia de um jogo de futebol, como propôs Hobsbawm. Nas próximas páginas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>3</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2007), email: jpaulo.vieira@gmail.com.



tentaremos discutir a forma como a historiografia brasileira trata a inserção do negro neste esporte que desembarcou no país como uma atividade física exclusiva das elites.

Quem pesquisa sobre esporte no Brasil, mais especificamente sobre futebol, encontra quase exclusivamente uma única cronologia. Na segunda metade do século XIX, o esporte teria chegado ao país através de filhos de imigrantes ingleses e, por isso, era praticado exclusivamente em clubes que reuniam as elites das sociedades das principais cidades do país. Anos depois, o futebol começaria a se popularizar e, a partir de então, os negros começariam a ter um papel fundamental nesse processo de “democratização”<sup>4</sup>.

Essa cronologia é reforçada pela obra do cronista esportivo Mario Filho<sup>5</sup>. Em seu livro, *O negro no futebol brasileiro*, ele mistura suas lembranças com uma imensa coleção de recortes de jornais para contar como foi o início do esporte que viria a se tornar o mais popular do Brasil. Publicado originalmente em 1947, a obra ganhou uma nova edição no ano de 1964 com dois novos capítulos. Desde então, o texto passou a ser fonte tanto de jornalistas como de pesquisadores para se criar um panorama das primeiras décadas do século XX. No entanto, essa utilização constante e, algumas vezes, indiscriminada da obra criou distorções que culminaram com a perpetuação de algumas idéias construídas através da narrativa de Mario Filho. Ele relata, com uma narrativa que tende ao heroísmo, como foram os primeiros anos em que os negros participaram do esporte na cidade do Rio de Janeiro. O principal eixo da narrativa se concentra no Campeonato Carioca do ano de 1923. Na disputa, a equipe do Vasco da Gama era formada por negros, mulatos e brancos e, pela primeira vez, um time com esta miscigenação racial conquistara o título da cidade. Para Mario Filho, o fato teria levantado a ira da alta sociedade daquela época, então representada pelos clubes tradicionais da Zona Sul da cidade: Flamengo, Botafogo e Fluminense.

O pesquisador Antônio Jorge Soares<sup>6</sup> desenvolveu um importante estudo questionando a simples repetição da obra de Mario Filho para contar a história do início do futebol no Brasil. Para ele, os “novos narradores” apenas repetiram o que escreveu

---

<sup>4</sup>Sobre essa versão da democratização do futebol através da inserção do negro ver: SOARES: 2001a.

<sup>5</sup>Mario Filho (1908-1966) foi um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros do Século XX. Além de jornalista foi também proprietário do *Jornal dos Sports*, publicação que, enquanto comandada por ele, fomentou diversas competições esportivas e reuniu intelectuais importantes que escreviam no periódico. Ele foi um dos principais incentivadores da construção do Estádio do Maracanã que acabou por receber o seu nome. Na literatura teve contribuições importantes, sendo a mais destacada *O negro no futebol brasileiro*. Mario Filho era irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues.

<sup>6</sup>Soares defendeu em 1998 a tese de Doutorado em Educação Física, no Programa de Pós-graduação em Educação Física na Universidade Gama Filho, intitulada *Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*.



Mario Filho. Sem comparar com novas fontes, o discurso se tornou uniforme e cada vez mais pregnante na sociedade.

É neste ponto que achamos que a obra de Hobsbawn pode nos ser útil. Queremos tentar entender o motivo da versão de Mario Filho ter sido consagrada no Brasil e quais os motivos que fizeram com que ela pouco fosse questionada. Pretendemos verificar se o heroísmo, atribuído por Mario Filho, à equipe vascaína, primeiro time com negros a vencer uma competição importante, pode ser entendido como uma tradição inventada, nos termos cunhado por Hobsbawn:

O termo “tradição inventada” é usado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as 'tradições' realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas; quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBSBAWN, 1997: p. 9)

O assunto já ocupa um lugar importante nos estudos relacionados ao tema. Vários estudiosos<sup>7</sup> de diversas partes do Brasil começam a tentar rever como esta história foi contada. A seguir, faremos uma revisão da discussão acadêmica sobre o tema. Retomando trechos de Mario Filho, as críticas de Soares à utilização indiscriminada da obra e incluindo a resposta de alguns daqueles que foram acusados de apenas repetir o cronista, pretendemos fornecer mais dados para a discussão a fim de, em seguida, saber se o termo *tradição inventada* se encaixa nesta discussão.

O trabalho aqui apresentado reúne parte da pesquisa que está sendo realizada com o objetivo de culminar na dissertação de Mestrado que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Uerj, sob a orientação do professor Ronaldo Helal. Dessa forma, a discussão ainda está em fase inicial e poderá ser acrescida a partir das sugestões que forem apresentadas durante a reunião do Grupo de Pesquisa da Intercom.

## **2 O nascimento do racismo no futebol brasileiro**

A conquista do Club de Regatas Vasco da Gama no ano de 1923 provocou conseqüências no futebol carioca. Este fato é inegável. O que se passou a questionar é a veracidade dos relatos em *O negro no futebol brasileiro*. A seguir, temos partes do relato feito por Mario Filho.

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de

---

<sup>7</sup>Há um levantamento completo de todos os autores que trataram do tema em: SOARES, 2001a.



competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (FILHO, 2003, p. 126)

Em 1922, o Vasco já havia conseguido resultados expressivos. No entanto, como estava na Segunda Divisão, isso não desagradou aos grandes clubes. Só no ano seguinte quando foi enfrentar as principais equipes da cidade e passou a vencê-las, é que o clube de imigrantes portugueses misturados com negros teria despertado a ira dos rivais. Mario Filho resume assim, o que supostamente pensavam os rivais na ocasião:

Ninguém ligou para importância à ida do Vasco para a primeira divisão. Que é que podia fazer um clube da segunda divisão (...) O Vasco que bostasse quantos mulatos, quantos pretos quisesse no time. Tudo continuaria como dantes, os brancos levantando os campeonatos, os mulatos e os pretos nos seus lugares, nos clubes pequenos. (FILHO, 2003, p. 121)

Não há como negar que a primeira vitória de um time formado por negros iria abalar algo que era dominado por uma forte estrutura hierárquica, numa sociedade em que havia discriminação racial e social. No entanto, o que Soares pretende chamar a atenção é que a narrativa de Mario Filho não é totalmente fiel aos fatos. Além disso, ela seria recheada de incoerências, como as que ele cita a seguir.

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores dedicados quase que exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma estrutura semiprofissional bem sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mario Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era treinada exaustivamente por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física porque viviam como “meninos de colégio interno”. Argumentos dessa natureza não serviriam para realizar um discurso épico do negro ou da mistura racial, com a roupagem do politicamente correto, como o que é apresentado nos artigos acadêmicos sobre o futebol. (SOARES, 2001b, p.118 E 119)

Desta forma, tudo o que é dito a respeito do tema atualmente precisaria ser questionado, uma vez que não haveria total fidelidade entre a versão consagrada dos fatos e o ocorrido na década de 1920. Para Soares, conceder ao Club de Regatas Vasco da Gama as honras de ser o único responsável pela democratização do esporte nacional não passa de uma *tradição inventada*, o que não desmerece sua eficácia simbólica.



O que tentamos demonstrar é que a “heróica” trajetória do Vasco na luta contra o racismo na década de 20 é uma tradição inventada, é uma história de identidade (Hobsbawm, 1997). Sua origem está em Mário Filho, e a continuidade dessa tradição está na boca dos aficionados pelo Vasco, na imprensa e nos textos acadêmicos que tratam a referida história. Os recortes, as ênfases, os esquecimentos são reveladores dos mecanismos de construção da memória coletiva e da identidade. Os limites entre a história social, a história das mentalidades e a história de identidade são confusos e interpenetram-se. Mas isto não significa que uma mentalidade ou identidade informe exatamente o que se passou em um determinado evento ou trama específica. (SOARES, 2001b, P. 119)

A principal acusação aos autores que se dedicaram ao estudo do início do futebol no Brasil refere-se à utilização indiscriminada do livro de Mario Filho. É preciso lembrar que o relato deste cronista deve ser considerado apenas como uma das faces do ocorrido. Do contrário só haverá contribuição para a criação e perpetuação de mitos a partir das narrativas jornalísticas. “As narrativas produzidas por jornalistas a partir de fatos envolvendo clubes e jogadores do futebol no Brasil têm sido tradicionalmente fonte de criação de mitos e, como tal, têm influenciado ou confundido pesquisadores pouco familiarizados com as idiosincrasias deste esporte.” (SOARES, 2001b, p.101).

O grande transtorno que esta prática teria causado é a falta de informações novas às pesquisas existentes, contribuindo para uma repetição cada vez mais enfadonha de um discurso já conhecido e que deveria ser mais questionado. Soares afirma que ao recorrer à literatura, acadêmica ou jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, ficamos com a impressão de estarmos sempre lendo os mesmos textos, com variações não significativas. (SOARES, 2001a, p.13)

Esta repetição constante se faz presente também devido ao interesse de se manter uma identidade já construída e que, para muitos, não deve ser alterada.

Assim, o Negro no Futebol Brasileiro funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias anti-racistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir. (SOARES, 2001a, P. 14)

O maior inconveniente desta falta de rigor historiográfico seria a ausência de comparação com outras fontes. Desta forma, informações são legitimadas apenas a partir da utilização de uma obra clássica. No limite, esta prática poderia levar a imposição de “verdades” que não necessariamente tenham alguma fundamentação.



De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras. O problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sociais, como prova para as interpretações, estabelecidas *a priori*, sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre o futebol converteu o Negro no Futebol brasileiro em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica. Um dos sintomas da carência, ou mesmo da ausência de fontes é o fato de os consumidores do Negro no Futebol brasileiro, que chamo de “novos narradores”, construírem legitimações acadêmicas da obra e de seu autor. (SOARES, 2001a, p.14)

No artigo *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade* (2001b), Soares se apóia na pesquisa em jornais do ano de 1924<sup>8</sup> para rechaçar alguns relatos contidos na obra de Mario Filho e, posteriormente repetidos, por cientistas sociais. Para ele, a questão do amadorismo é que era mais central. Os clubes de elite até aceitariam negros, mas queriam a garantia de que não se tratava de atletas profissionais. Soares relata que qualquer negro, sem nome familiar ou profissão de prestígio, que aparecesse para jogar em time da primeira divisão tinha sua condição de amador colocada sob suspeita. O autor lembra que a maioria dos negros e mestiços daquela sociedade ocupava posições inferiores e empregos subalternos. A lógica “quanto melhor condição social e econômica, maior a probabilidade do jogador ser amador” provavelmente governava as percepções dos dirigentes esportivos. Assim, é provável que a desconfiança fosse maior em relação aos negros sem sobrenome de prestígio. (SOARES, 2001b, P.117)

Soares tem uma conclusão clara a respeito do tema. Para ele, há incorreções nesta história, mas como seria politicamente incorreto tentar desmistificá-la, ela continua sendo transmitida desta forma tanto pela academia quanto pela imprensa.

A “história” de racismo e perseguição da AMEA aos negros e mestiços do Vasco em 1924 tem, no máximo, servido à construção de um discurso acadêmico politicamente correto, cuja eficácia é apenas de reforço da identidade positiva dos vascaínos. Para concluir, reforçamos que a crise vivida no futebol carioca nos anos 20 fazia parte de uma configuração mais ampla do esporte; e que não se limitava ao Brasil. A popularização do futebol, seu processo de transformação em negócio e

---

<sup>8</sup>No ano seguinte à conquista do título do Vasco, os quatro principais clubes do Rio de Janeiro (Flamengo, Fluminense, Botafogo e América) criaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), da qual o Vasco acabou não participando. A justificativa oficial para a criação da AMEA, que gerenciaria as competições esportivas, concentrou-se no propósito de manter a ética do amadorismo no esporte, impedindo a participação de atletas profissionais ou semi-profissionais nas disputas. Para Mario Filho, a nova liga foi criada em resposta à vitória do time miscigenado. Esta visão foi repetida por diversos pensadores. Para Soares, a criação da AMEA pode ser justificada principalmente pela discussão entre amadorismo e profissionalismo. Fato é que o Vasco disputou o campeonato de 1924 organizado pela Liga Metropolitana de esportes Terrestres (METRO).



em profissão estava tencionado pelos valores amadorísticos ou aristocráticos do esporte. (SOARES, 2001b, p.119)

### 3 Relativizando

Se para Soares, toda esta história se configura em uma *tradição inventada*, já para alguns estudiosos é preciso ter um olhar mais atento, valorizando a obra de Mario Filho. Além de propôr um reconhecimento ao texto, muitos garantem que ali está, ao menos uma parte, de um retrato fiel da sociedade da época. Dessa forma, se aquele discurso passara a ser eficiente, ele deve ser respeitado.

Dois daqueles que foram acusados por Soares, se dedicaram a responder parte das críticas e acrescentar novas considerações ao debate acerca da inserção do negro no futebol brasileiro. Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. em “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol” rebatem alguns argumentos de Soares. Eles lembram que se os relatos apresentados por Mario Filho ainda que não possam ser utilizados para provar, podem, no entanto, ilustrar os reflexos do preconceito. Para eles, os “causos” descritos do NFB, sejam “verdadeiros” ou “falsos”, expressariam justamente sua força histórica quando nos permitem vislumbrar esse “clima de época”. Eles nos dão acesso às formas pelas quais as pessoas representavam as relações raciais e as tensões que experimentavam dentro do universo do futebol. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 55)

Estes autores acreditam que não se deve inutilizar a obra usando apenas o argumento de falta de fidelidade aos fatos. Eles lembram que a principal crítica ao texto de Mario Filho está situada na dúvida entre se tratar de um texto histórico ou um romance. Mas para eles, esta discussão seria completamente infrutífera.

Um dos argumentos centrais do trabalho de Soares é que Mário Filho não teria construído um estudo histórico ou sociológico sobre o negro no futebol brasileiro, mas um “romance”. Através de uma análise exaustiva das edições do NFB, bem como da biografia de Mario Filho, Soares conclui que o autor, mediante artifícios retóricos de legitimação, conseguiu disseminar a idéia de que sua obra se constituía numa descrição histórica objetiva das relações raciais dentro do futebol, encobrindo, na realidade, um projeto de construção de identidade nacional baseado na noção de harmonia e integração das raças formadoras. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 52 e 53)

Helal e Gordon Jr. destacam que, ainda que lido como um romance, o texto pode ser valorizado por descrever um contexto social criado a partir de uma realidade



existente. Ambos acreditam que este tipo de texto fornece um material que deve ser considerado até mesmo pelos historiadores na tentativa de entender como pensavam as pessoas de determinada época. “Apesar de louvarmos o mérito do trabalho de Soares ao apontar um provável descuido metodológico dos 'novos narradores', questionamos sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mario Filho.” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 54 )

Outra crítica contundente às conclusões de Soares é a de que ele simplesmente haveria trocado uma discussão por outra. “[...] onde se lia 'racismo', propõe que se leia 'amadorismo x profissionalismo'. E essa redução não nos parece nem profícua do ponto de vista metodológico, nem justa do ponto de vista histórico. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 57) Em síntese, o contraponto feito às críticas de Soares pode ser conhecido da seguinte forma resumida:

Mesmo considerando que os argumentos de Soares merecem uma análise mais detida e aprofundada, iremos nos limitar, por motivos de espaço, a discutir quatro pontos de seu argumento, que na verdade estão interligados ao longo do texto, ainda que nem sempre formulados de modo explícito: 1) a crítica à utilização do NFB como fonte histórica; 2) a recusa em considerar a pregnância do idioma simbólico do racismo na história do futebol brasileiro; 3) a negação de um processo de relaxamento das tensões raciais no universo do futebol; 4) a desconsideração da ideologia da identidade nacional como instrumento heurístico relevante para a compreensão dessa história. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 52)

Para entender melhor estes quatro pontos, os autores fazem uma fundamental contextualização histórica acerca do momento sobre o qual estamos falando. Não se pode esquecer que a introdução do futebol no Brasil deu-se pouquíssimo tempo após a abolição da escravidão. Além disso, a presença dos negros no esporte suscitava desconfiança e mesmo repúdio. Os autores destacam que era um momento da história da sociedade brasileira em que brancos e negros vivenciavam uma situação em que podiam competir abertamente em algum domínio da vida social, colocar efetivamente à prova suas “qualidades raciais”: Os ex-escravos e os ex-senhores iriam medir forças no campo de futebol em condições de (parcial) igualdade. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 65)

Para ilustrar, podemos citar que em outros esportes a inserção do negro foi infinitamente mais demorada. Segundo Helal e Gordon, esta situação pode explicar porque no basquete, no vôlei, nos esportes aquáticos o amadorismo predominou por



mais tempo. O que fez com que ficasse difícil para pessoas das classes sociais menos favorecidas conseguirem ter uma condição atlética próxima do que se dedicavam de forma amadora. Por este caminho, pode-se sim, dizer que ocorreu um processo de democratização no futebol brasileiro. (HELAL; GORDON JR, 2001,p.66) Por outro lado, seria ineficiente negar que dentro do esporte não houvesse também resquícios do preconceito visível em todo o restante da sociedade.

Enfim, por que o futebol estaria imune às representações sociais do negro e da mestiçagem que se constituíam num discurso ou num idioma que imperava em todas as outras instâncias da vida social, incluindo as políticas públicas (discussões sobre legislação imigratória, reformas penais etc.)? Parece no mínimo um contra-senso imaginar que o futebol, desde o período de sua implantação como fenômeno cultural de massa, pudesse ficar imune à penetração das representações sociais do negro e da mestiçagem. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 62 e 63)

Sendo assim, não podemos, em momento algum, perder de vista que há racismo no Brasil. Talvez por isso, estejamos investigando o futebol para podermos encontrar algumas respostas. As representações culturais a respeito das relações entre as raças manifestavam-se dentro do universo futebolístico como na sociedade brasileira em geral. O futebol torna-se um espaço privilegiado para investigar tais temas, uma vez que foi utilizado na construção de nossa identidade nacional e esta, por sua vez, foi construída em cima de pressupostos racistas. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 56)

Helal e Gordon Jr. lembram que a história dos negros no futebol brasileiro, tal como relatada por Mario Filho, se assemelha muito à saga clássica do herói. A partir deste argumento, eles propõem uma discussão que talvez esteja presente no núcleo central deste trabalho: por que hoje gostamos de ouvir esta história, contada desta forma, já que na época ela agradava apenas uma minoria? Por que ela mais tarde se tornou a “história oficial”? (HELAL; GORDON JR, 2001, p.68).

É aí que acreditamos haver uma incoerência. Pelos registros iniciais verificados nos jornais, ainda não ficou claro de que forma a história foi contada no ano de 1923. Apesar da questão racial não estar explícita em nenhuma das páginas consultadas.

Restaria perguntar ainda se todas as histórias oficiais sobre formação de identidades nacionais não seriam, de fato, construções que, mesmo que incentivadas por uma elite, só fazem sentido, só se tornam oficiais, quando “colam” com os anseios da população, isto é, quando são simultaneamente mito e sonho. Ou seja, não existiria uma relação dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)? O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção



de uma identidade nacional faz parte, são eficazes, possuem 'materialidade', mesmo sendo simbólicas; ou seja, produzem um resultado prático no imaginário coletivo: soldados morrem nos campos de batalha defendendo a bandeira de seus países, guerrilheiros matam em nome da legitimação de sua “etnicidade”. (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 69)

Nesta construção, portanto, Mario Filho teria deixado claramente demarcada a luta de classes, evidenciando quem estava de qual lado. “Nessa trama, Mário Filho teria escolhido seus heróis — os jogadores negros e mulatos — e seus vilões — a elite branca urbana brasileira, fundadora dos grandes clubes de futebol e contrária à inserção dos negros nesse novo domínio da vida social que era o esporte.” (HELAL; GORDON JR, 2001, p. 53)

#### **4 Futebol e Cultura**

Até bem pouco tempo atrás, toda discussão acadêmica que tivesse o futebol como pano de fundo poderia ser vista como menor, ou menos relevante por alguns setores. Acreditamos que este pensamento já esteja superado e que hoje seja possível entender a cultura de uma forma mais ampla. Enxergando-a não apenas por meio das estruturas rígidas da sociedade, mas também a partir das ações cotidianas, do lazer e até das atividades mais despreziosas.

Aproveitamos algumas reflexões de Lovisolo, para destacar que a velha idéia do esporte enquanto alienador das massas não cabe mais em trabalhos acadêmicos.

Há duas ou três décadas, os cientistas sociais pouco se ocupavam com o futebol que era, isso sim, preocupação do jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas da rua. Mais ainda, a corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras”. O futebol era visto como formando parte dos processos de alienação das massas. Os ventos mudaram o rumo da prosa. Hoje, talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, a crítica da alienação foi barrada e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso sobre o qual andamos. (LOVISOLO, 2001a, p.9)

Feita esta breve ressalva, acreditamos ser conveniente lembrar que, a partir do momento em que os estudos sociais começaram e encontrar no futebol uma poderosa forma de compreender a parte da sociedade, foram dados passos importantes para a compreensão das formas de construção identitária do Brasil.



Embora o futebol possa ser considerado como “quase universal”, na linguagem estetizada do gosto e do estilo particular passou a ser uma dimensão importante da construção identitária, tanto no caso da sociedade brasileira quanto de outras. Futebol, alegria, festa, carnaval, música são temperos recorrentes dessa construção. A 'alegria do futebol', cuja essência foi posta na ginga de Garrincha, passou a ser uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria. De fato, o futebol foi visto como teatro da vida. (LOVISOLO, 2001a, p.10)

No entanto, o próprio Lovisolo nos lembra que o tema exige muito cuidado. Para ele, uma das principais armadilhas que ameaça os pesquisadores é o erro comum de apenas repetir a imprensa esportiva, ao invés de fazer uma investigação mais profunda sobre o tema. “De fato, quando os cientistas sociais passaram a falar do futebol com as categorias organizadoras de cultura e identidade também começaram em grande parte a traduzir, quando não meramente a repetir, aquilo que os jornalistas vinham dizendo na linguagem inventada para tratar dos esportes e, sobretudo, no nosso caso, do futebol”. (LOVISOLO, 2001a, p.10)

## 5 Uma tradição inventada e reptida

A tentativa de testar o conceito de *tradição inventada* nos relatos que tratamos anteriormente se mostrou possível a medida em que tivemos a oportunidade de uma leitura mais minuciosa do texto de Hobsbawn. No trecho a seguir, ele resume claramente qual era nossa proposta neste trabalho. “É óbvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o **como elas surgiram e se estabeleceram**”. (HOBSBAWN, 1997: p. 9, grifos nossos)

Hobsbawn escreveu que as *tradições inventadas* acabam por se tornar instrumentos muito poderosos para se manter uma determinada continuidade com um passado que determinado segmento julgue conveniente.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 1997: p. 9)

Parece-nos que este é o caso do nosso objeto. Determinados setores da sociedade sempre tiveram interesse em recontar aquela história. É preciso ter em mente que,



apesar de se tratar de um comportamento recorrente, nunca foi de bom tom ser racista. O que nos impressiona é que entre os pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, das mais variadas linhas das Ciências Sociais e Humanas, poucos foram os que realmente demonstraram verdadeiro zelo pelo assunto. A maioria apenas repetiu o que já havia sido dito.

Todavia, todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades. (HOBSBAWN, 1997: p. 22)

Acreditamos que não podemos culpar a população em geral pela perpetuação das *tradições inventadas*. O que nos incomoda é a falta de empenho dos contadores de história em buscar novos elementos que elucidem os fatos.

## 6 Considerações finais

Após todas estas releituras decorrentes também de outras pesquisas paralelas à produção deste artigo, acreditamos que a história da inserção do negro no futebol brasileiro, como é contada e recontada nas mais diversas publicações, se encaixa perfeitamente como um exemplo de *tradição inventada*, nos exatos termos criados por Hobsbawn.

Fato é que a historiografia tomou uma parte da história e transformou-a no eixo central de um momento importante da sociedade brasileira. A vitória de um time caracterizado por uma miscigenação racial foi importante para aumentar a participação dos negros no esporte. No entanto, ela não foi a única iniciativa responsável por este acontecimento. Prova disso é que outros clubes já possuíam em seus quadros negros e mulatos, eles só não haviam conseguido resultados expressivos até aquele momento. Além disso, pelas fontes pesquisadas, a reação da elites não foi tão perversa como se relata até hoje.

Portanto, acreditamos estar diante de uma *tradição inventada* que pode até ter sido criada de forma involuntária e consagrada nas páginas de Mario Filho. Porém, a perpetuação desta história é fruto claramente de um conjunto de interesses. Este discurso serviu durante anos a uma grande parcela da academia que tinha medo de ferir



o status do politicamente correto. Ele foi útil também para o próprio Club de Regatas Vasco da Gama que se apoderou desta versão dos fatos para se vangloriar de uma história que, contada desta forma, tornou-se um dos maiores orgulhos dos seus torcedores. Indo além, o clube hoje tem receitas econômicas geradas através da venda de camisas que fazem alusão ao time de 1923 e se gaba, em vários vídeos institucionais e outras ações de marketing, de ser o primeiro clube a abrir as portas para os negros no Brasil. Na verdade, o que se sabe é que os negros eram bem-vindos no Vasco apenas para atuarem como atletas. Eles sequer podiam freqüentar a sede social da instituição.

Apesar de tratar-se de uma *tradição inventada* não achamos que por isso esta versão dos fatos seja apagada. Reconhecemos que os registros orais e mesmo as lembranças afetivas devem ser mantidas e valorizadas. Estamos certos de que elas também são importantes para se compor o retrato daquele momento. Mas não é por isso que devemos deixar de lado o rigor que nossa proposta de pesquisa nos exige.

No senso comum, principalmente na imprensa, ainda estamos refêns de apenas uma leitura sobre o assunto. Fato é que o discurso vigente foi apoderado por vários setores da sociedade. Para o movimento negro, para torcedores, dirigentes e patrocinadores daquelas equipes que são apontadas como responsáveis pela inserção do negro no futebol e conseqüente democratização, essas leituras tradicionais são convenientes. A eles não cabe discutir a veracidade dos fatos, apenas repetir torna-se suficiente e eficiente para cada um de seus objetivos.

O que concluímos é que trata-se de um esforço hercúleo e desnecessário tentar convencer o senso comum de que esta história possui vários detalhes que foram suprimidos ao longo do tempo e que se forem iluminados acabam por mudar de forma substancial a versão dos fatos. No entanto, acreditamos ser obrigação tanto de jornalistas como de pesquisadores uma pesquisa mais profunda e a consulta a número maior de fontes para que se possa traçar um panorama mais fiel aos fatos.

Por fim, é preciso deixar claro que não estamos aqui colocando em dúvida a existência de racismo no futebol brasileiro. Como parte de uma sociedade permeada por este tipo de comportamento seria impossível que o esporte passasse ao largo.



## 7 Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. “Prefácio à 1ª edição”. In: FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR. Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-76.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das Tradições*. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. A produção em massa de tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1997: p.9-23.

LOVISOLO, Hugo. “Introdução”. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a. p. 9-12.

LOVISOLO, Hugo. “Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001b. p. 77-100.